

## Pedro II é aqui...

Francisco Paulo

Meio de uma tarde de sábado de novembro, calor intenso, resenhas por fazer, artigo por terminar, textos para revisar, livros. Vida de mestrando compenetrado é uma reclusão. Mas naquele dia, nenhuma inspiração. Um final de semana de pouca produção acadêmica se desenhava. Não me ocorria nenhuma outra alternativa de ocupação. Tinha que estudar, não havia outro jeito.

O telefone toca, espanta a quietude da casa. Era minha irmã mais nova, Socorrinha. Prosa rápida – perguntas protocolares sobre a família, e inicia um convite para um churrasco... Aguardava a mana concluir para declinar da gentileza com um gentil “não, tenho muito o que fazer”. “É um churrasco dos conterrâneos de Pedro II”, disse ela. Hesitei, mas o coração viajou e voltou rápido com a decisão. Algo me dizia que o restante da tarde seria agradável.

Em pouco mais de meia hora estava no churrasco dos conterrâneos, acompanhado de Maria Alice, minha mulher; Henriquêta, minha mãe; e minha irmã. Olhei à minha volta, não conhecia ninguém, mas me sentia bem recebido, como se estivesse com minha gente. E estava.

Quando chegamos era tarde, a festa estava no final. Sentamos à uma mesa, meio reservados. Minha memória dizia que eu conhecia algumas pessoas dentre as poucas que ali permaneciam, mas não sabia o nome de ninguém. Não demorou e minha mãe disse: “este é o Raimundinho, que morava perto de nossa casa, lembra?” Era um amigo de infância, o que nos rendeu, na ocasião, caloroso abraço, como se fôssemos os meninos de outrora.

Conhecemos alguns conterrâneos, dentre eles o Agostinho Pinheiro e o Dadá, com os quais conversamos. Bebemos algo, provamos o churrasco, nos despedimos e saímos. Tive a impressão de que ficara no ar um convite para o próximo encontro. Saí um pouco frustrado por ter chegado tarde ao evento, mas satisfeito por rever conterrâneos e com o firme propósito de comparecer ao próximo churrasco, que seria daquela data a cerca de seis meses.

Depois disso fomos, em família, a todos os encontros. Se chegamos tarde ao primeiro, nos demais estamos sempre dentre os primeiros a chegar e os últimos a sair. Prontos para abraçar os conterrâneos, para conversar, para rememorar ocasiões, celebrações, marcos e lugares da nossa terra. É como se em cada pedrosegundense encontrássemos uma parte de nossa história.

E percebe-se certa reciprocidade. Todos gostam dos encontros e reencontros, se respeitam e se saúdam com a animação de quem revê velhos amigos. Alguns até o são, mas a maioria é meramente de conterrâneos, e nem por isso demonstram menos alegria. A festa corre à solta, comida farta e diversificada - no capricho dos churrasqueiros contratados pelo Agostinho, regada por generoso suprimento de cervejas “no ponto”, refrigerantes e doses maciças de alegria e de saudades da terrinha. Parece que todos e todas ouvem e encontram o que o coração procurava.

Comparecem homens, mulheres, jovens, crianças, idosos. Pedrosegundenses legítimos, outros nascidos em Brasília, mas irmanados. Não se observam preconceitos de classe, de cor, religião, de nível cultural, situação econômica. Apenas conterrâneos em conagraçamento.

E falam dos festejos da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, do festival de inverno, do Gritador, da Pirapora, da Igreja da Matriz, das tertúlias, dos clubes sociais 11 de Agosto e CROP, do time da Cruzada, da mineração, das praças, do Grupo Escolar Marechal Pires Ferreira – onde aprendi o “beabá”, da eleição passada e da vindoura. É como se Pedro II tivesse se mudado para Brasília nesse dia.

Cada um desfila suas lembranças, apresenta e compartilha capítulos da nossa cidade.

Ouvi até comentários sobre novos, e auspiciosos, ventos ideológicos e políticos que sopram a cidade, que há partidários do PT - sinal dos tempos e das circunstâncias. E, alvíssaras, existe diretório do PC do B. Quem diria, ouvir-se no meu torrão natal alguém cantarolar “não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres”. Boas perspectivas para Pedro II, pois novas formas de pensar e agir quase sempre formam pares com a esperança.

Numa e noutra mesa tem-se a impressão de ouvir Catulo da Paixão Cearense (que era maranhense, apesar do sobrenome) a cantar “não há, ó gente, ó não, lugar

como este do sertão”, Chico e Jobim, “vou voltar para ouvir de novo cantar um sabiá”, ou Ataulfo Alves “eu igual a toda meninada, quanta travessura eu fazia...”.

Cuidadoso que sou com os mais velhos, ou pretendo ser, presto atenção aos seus diálogos. Certa ocasião minha mãe, Henriqueta Holanda, conversava com Dona Odete Andrade. Era como se as ausências por elas sentidas naquele momento estivessem ali presentes, corporificadas, tal a ternura com que falavam sobre pessoas queridas, lugares e vivências de nossa cidade.

A saudade se alastra, voa alegre, prazerosa. É sempre um momento sem pressa de ir embora, bem aproveitado porque, sabemos, não voltará.

Aqui e acolá ficava observando o empenho dos organizadores do evento, do Agostinho, do José Pereira, do Raimundo Nonato, do Raimundinho, da Lúcia Ana, e de outros dos quais não me lembro o nome, pelo que me penitencio e espero não causar desarmonia. Como todo evento, na realização de uma festa há sempre um grupo que estimula os pares, reúne gente, trabalha muito e cuida dos detalhes. A impressão que se tem é a de que os organizadores tentam adivinhar a forma de agradar aos conterrâneos. Sempre solícitos e corteses, a todos recebem com fidalguia, com sorriso de satisfação pelas presenças. É assim mesmo, dizem que a amizade faz a pessoa esquecer de si para cuidar do outro.

Agostinho é o primeiro a chegar, o último a sair. Atento e avesso a mãos vazias e a eventual falta de apetite, se alguém estiver sem uma cerveja, um guaraná ou um prato de churrasco, indagam: Porque você não está bebendo? Já almoçou? Provou a costelinha? Está gostando? Não se descuida do bem-estar e da alegria da turma. Interessante e louvável a postura do dileto conterrâneo. Pessoas nobres são assim, trabalham para o todo, para o bem comum, sem outros interesses que não seja o de servir.

E há a Lúcia Ana, que se assemelha a uma “embaixadora” de Pedro II em Brasília, tal é o carinho pela “Cidade das Opalas”. É como se lá ainda morasse e mantivesse compromisso de zelar pela sua terra. Palavra fácil, sorriso franco, a distribuir amabilidades a todos, como se cada conterrâneo fosse um ente querido. Interessante como as pessoas se doam.

Lá pelo meio da tarde, já mais animados comparativamente ao momento em que chegamos, pomo-nos a cantarolar músicas antigas, embalados pelos teclados do Adriano.

É, Pedro II é aqui por algumas horas. De alma e geografia nossa cidade natal se transporta para Brasília por meio de nossa gente, nossa cultura, nossas saudades e nossas alegrias.

E nos despedimos, ao final da tarde, sem pressa de ir, pensando no próximo encontro, que demorará cerca de seis meses para ocorrer, quase uma eternidade...

Brasília, maio de 2010